

Corpos fronteiriços em Pindorama: etnografia dos nós, entre apagamentos, canções e resistências nas águas do rio Bugres e Paraguai

Amanda Suellen Costa Carrasco

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21136930>

O que estou chamando de fronteiras? Percebo sua tonalidade ao escutar existências fronteiriças. Peço licença a Glória Anzaldúa (2012) para, a partir de suas epistemologias, abrir um caminho de composição: que território é esse do qual meu corpo se fez, mesmo sem que eu percebesse? Posso nomeá-lo, recorrendo a minha vivência em uma família inter-racial, como um corpo fronteiriço que caminha com sua passabilidade na branquitude? Talvez aí esteja o nó: estou nessas encruzilhadas, nessas esquinas — ou nas curvas dos rios Bugres e Paraguai, onde nasci? Centro-oestina, das fronteiras, eu recorro às memórias e aos encantamentos entre saberes indígenas e cristãos. Mas quais curvas sigo olhando, se o rio está turvo?

Lembro da primeira vez que me foi apresentada Glória Anzaldúa, algo em mim reverberou, e sou dessas que procura escutar e sentir lampejos assim, mas digo, foi difícil escrever, parte do que estou tentando aqui, com esse ressoar, é também propor algo não como fruto apenas de uma ferramenta acadêmica, mas tentar resgatar minha voz, ou parte dela, e talvez assim tentar compreender as resistências sutis e escancaradas que é ter nascido em Abya Yala, nesse Pindorama, me coloco, mesmo que tímida, resisto.

O que tentarei compartilhar aqui com vocês, é uma passagem, uma caminhada perante minhas encruzilhadas, e em reciprocidade, oferecerei a vocês, um lampejo de minhas histórias, com o canto mais sagrado possível para mim, de minha mãe. Essa canção, quando a escutei pela primeira vez ainda criança, senti algo estranho, como se entrasse ar nos meus ouvidos e pulmões, a sonoridade vinha de um lugar diferente, essa canção, e a procura de territórios, anda me acompanhando em minha trajetória, na minha etnografia e atravessa, minhas subjetividades e minha atuação como psicóloga. Me permito, assim como na canção *Gracias a la vida*, “*o canto de todos é meu próprio canto*”, e quem sabe seja o seu também.

Compartilho de antemão, que minha procura para entender a localização dessa canção está em aberto, inclusive usei teste de DNA compartilhado entre minha mãe e eu, e entre as localizações cheguei ao Tikuna, povos Ayamara e Quechua, a partir dessas informações, entrei em sites de rádio indígenas, como a Rádio Yande, pesquisei em artigos, fiz pesquisa ativa, mas ainda está em aberto, já que é uma canção que foi passada para minha mãe, quando criança. Então ofereço a vocês, esse algo que não sei nomear, a sensação de quase lá, ainda que reconheça as resistências, me sinto um mosaico, um caleidoscópio de ecos, cores e sons que saem de outros órgãos.

Tentei vencer a paralisia ante a algo que não conseguia nomear, e propus algumas etapas comigo mesma nas artesanias. Parte dos escritos aqui, foram feitos a mão, em um caderno grande de capa dura azul, mesmo com a timidez da palavra ou a angústia de não conseguir nomear assim, tentei sair desse lugar ocupado do outro lado como psicóloga e vou falar em primeira pessoa, depois de escrever à mão, li em voz alta e transcrevi. Na segunda parte, utilizei fotografias que tirei no quintal do meu avô, que está localizado cerca de 200 metros do rio Bugres e Paraguai, as outras fotos, selecionei do álbum de fotografia da minha família materna e a partir de colagens, tentei criar conexões de nós, no resgate das memórias largas, tentei descrever como é complexo seguir com memórias em mosaico, memórias roubadas, ao mesmo tempo, o que fica, como a canção, como a continuidade dos meus parentes, como se fosse meu próprio patuá. Criei meu próprio patuá, com alecrim, canela, camomila e acrescentei dez pedras olho de tigre, por fora, com o uso de cerâmica fria, fiz uma mulher de cabelos vermelhos, segurando uma casa, com espada de São Jorge atrás. Tentei descrever essas artesanias que arde, assopra e resiste, por fim, a canção que ecoa cantada por minha mãe, esses são os nós encarnados de meus espelhos que mesmo em parte enterrado, refletem uma luz forte que ilumina e também protege. O que pretendo é tecer artesanias viscerais como produção potente nesse resgate dessas lacunas de memória.

O meu norte partiu do nosso sul, de Abya Yala, tentei acolher isso que eu chamo de angústia, e me vi entre rizomas que foram acolhendo passagens, dentre indaguei; -Como compreender as afetações de corpos perante a colonialidade?! Talvez nesses escritos, acompanhados por tantos outros. Ouso e desejo refletir, os caminhos traçados em Abya Yala e no Pindorama, essas multiplicidades que a colonialidade tenta extinguir, minhas linhas aqui vêm com essa proposta, abrir caminho em diálogos feito de corpo território fronteiro, e abrir roda, convidar a sentar, a resgatar no âmago esse algo que fica ali. Os espelhos podem estar enterrados como fala Carlos Fuentes, mas é

algo além, é algo da terra que ecoa, como a canção perdida de minha mãe, não sabemos o que, qual parte, mas ela está ali, e nomear é encantar, falar é sagrado, então compartilho esse canto tímido meu e dela, desse útero que me acolheu. E quem sabe ecoa em outros parentes, em outros territórios, e de repente, conseguimos enxergar o outro lado do rio.

Para iniciar essa trajetória e ensaiar uma caminhada com o possível, observo o encontro entre o Rio Bugres e o Rio Paraguai. Águas que carregam densidades, percursos e diferenças, mas que, ainda assim, seguem juntas. É nesse encontro que arrisco traçar algumas aproximações e convido Aníbal Quijano a caminhar comigo, não apenas por meio de seus conceitos, mas a partir das marcas que a colonialidade inscreve na carne exposta da vida. Ao mesmo tempo, peço licença e bênçãos a Nego Bispo para adentrar seus dizeres contracoloniais, buscando construir um diálogo desde alguém que tenta reencontrar seus próprios espelhos.

Nessa travessia, procuro colocar esses pensamentos em conversa, não como teorias acabadas, mas como rizomas que se cruzam, se afastam e voltam a se encontrar. Se Quijano nos ajuda a compreender a colonialidade como a permanência de um padrão de poder que organiza o mundo desde a colonização, Bispo desloca o olhar para os movimentos de reexistência que emergem diante desse mesmo padrão. Enquanto um evidencia as engrenagens da dominação, o outro revela os caminhos tecidos cotidianamente para sustentar a vida. É nesse encontro que a contracolonização ganha força, não apenas como crítica à colonialidade, mas como afirmação de outros modos de existir, saber e habitar o mundo, tornando-se uma contribuição fundamental para os estudos e práticas decoloniais.

-----A flecha foi lançada----->

Corpo-fronteiriço

Estou chamando de corpo-fronteiriço essa possibilidade de viver nos entres, questionando as mestiçagens em Pindorama, mesmo percebendo diferenças de tratamentos minha família sequer falou isso em voz alta. Então, escancaro isso como demarcação importante – Minha família é interracial entre indígenas e paulistas-espanhóis; meu corpo fronteiriço é assim, carrego uma ambiguidade, tenho pele branca e olhos puxados, ter pele branca me deu passabilidades e é importante olhar

para a branquitude, ao mesmo tempo, os conceitos e as vivências que tive, no quintal do meu avô ecoam em mim, e quero ocupar isso também, chamo de corpo-fronteiriço, esse corpo rizomático, no Pindorama, vivendo com todas essas cores e ensinamentos, proponho que seja também um território.

Assim, abro passagem para refletir sobre como ocupar verbalizações de algo não dito, mas sentido, trazendo luz à tentativa de aniquilamento da língua selvagem, procuro trazer palavras encarnadas além de um conceito de angústia kierkegaardiana, permitir ecoar isso, isso que é não nomear, mas sentir.

Como descrever, a partir desse corpo com sua passabilidade branca, as nuances desse algo, dessa ânsia, dessa angústia, dessa raiva, desse dente à mostra, pretendo abrir caminho para pretender a. Como propor e tecer compreensões no Entre, como um território possível de agenciamentos e potencialidades? Peço licença para Cherrie Moraga (2001), e tomada pelos seus conceitos de escrever contra si mesma, como uma microtecnologia de resistência, acolho minhas inúmeras contradições, mesmo que sinta, como a mesma elucida, que se aproximar da ferida é perigoso, porque não compactua mais com o silêncio, e mesmo expondo as vulnerabilidades passa ser um ato de libertação; ao mesmo tempo que reconheço minha branquitude, minha ferida em aberto ecoa, sinto que parte da minha história foi apagada, quer dizer, tentaram.

Nessa travessia, acolho e me vejo refletida no espelho de *la mestiza*, tal como pensada por Gloria Anzaldúa, como expressão da *consciência da nova mestiça*: um lugar de confluência onde valores culturais e espirituais não apenas coexistem, mas se entrelaçam e transbordam de um grupo a outro. Trata-se de uma subjetividade tricultural, que habita múltiplas línguas — inclusive o silêncio imposto — e que se constitui no enfrentamento das tensões de raças híbridas. Nesse processo, a questão do pertencimento se expande e se torna inevitavelmente complexa: a filha de uma mãe de pele escura interroga sua herança, atravessada pelas memórias indígenas maternas e pelas marcas do pai espanhol. Para Anzaldúa, essa consciência exige um movimento contínuo para fora dos moldes cristalizados, recusando dicotomias fixas entre o herdado, o adquirido e o imposto. Ao deslocar-se dos parâmetros restritos da racionalidade ocidental, a nova mestiça abre-se a uma perspectiva mais ampla, inclusiva e contraditória, que sustenta a ambiguidade como potência e não como falta.

Para Gloria Anzaldúa (2019), a consciência mestiça respira em plural — não descarta, não purifica, não apaga; ela sustenta as contradições como quem carrega água em mãos abertas, deixando que a ambivalência germine em outra coisa, ainda sem

nome. Habitar essa consciência é começar a desfazer o nó da dualidade sujeito-objeto, a cela que tenta aprisioná-la, e, ao mesmo tempo, aprender a caminhar por entre fendas onde o pensamento binário já não alcança — nem no corpo individual, nem no tecido da consciência coletiva. É um percurso longo, de borda e de risco, mas que abre frestas de um esperar insurgente: um horizonte onde possam cessar violências, estupros e guerras. Nesse nó que aperta e ilumina, a ruptura também fala — e sua fala se registra na luta, reinventando olhares sobre mulheres de pele escura, mulheres e pessoas queer, fortalecendo uma ética da ambiguidade como potência de vida.

O reconhecimento da ancestralidade vai além da preservação cultural, atuando como base para a construção e o fortalecimento da identidade. Seu apagamento pode produzir feridas psíquicas, como baixa autoestima, crises identitárias e sofrimento emocional, sobretudo em contextos de discriminação. Nesse sentido, resgatar a ancestralidade configura-se como um processo de reconexão consigo e com a própria história, sendo compreendido, conforme Kaka Werá (2024), como uma forma de restabelecer a comunicação com a alma.

Bruno Simões (2019), entende que a recuperação da memória histórica dos povos é um desafio complexo, ao citar Carlos Fuentes, escritor mexicano, que de modo assertivo contextualizou o reflexo turvo nos espelhos dos povos latinos americanas, e ao trazer sobre a imagem do espelho enterrado, ele traz que na história dos povos originários se enterrava espelhos que serviam de guias para seus mortos; ele ampara que na cultura latinoamericana existe um universo submerso, invisibilizado, como um espelho da nossa imaginação que foi enterrado, levado ao mundo dos mortos, dos mortos que ainda habita em nós, memórias vivas, tratadas como inexistentes. Simões, afirma que a psicologia deve promover a problematização da realidade a partir da desconstrução histórica de padrões coloniais presentes nas múltiplas e distintas dimensões da realidade social, que corroboram para a naturalização das hierarquias nas relações de dominação e assim, desconstruir essa naturalização, e atuar na potencialização de aberturas de caminhos, visões, conjunto de saberes, experiências que tecem a memória histórica viva.

A psicologia está disposta a penetrar nessa complexa malha de significações de realidades? O que constitui a minha escuta? Para isso, é necessário também uma afirmação, uma localização da práxis psicológica, o reconhecimento das multiplicidades e sua articulação de saberes, princípios éticos, mundo simbólicos-imaginários, conhecimentos ancestrais em uma memória crítica que se coloca contra a dominação

colonial, desvela esquinas possíveis de uma psicologia popular latino-americana, descolonial que caminhe para a emancipação desses nós vivos (Simões, 2019).

Sair do silenciamento imposto e da invisibilidade das pluralidades é também romper com o pacto persistente da colonialidade. Como nos lembra Ailton Krenak (2021), ainda pulsam, neste território, cerca de 250 etnias, tecendo mais de 150 línguas e dialetos — vidas que resistem em suas próprias narrativas, existências que encarnam a pluralidade e tensionam a matriz colonial do poder. Pensar o outro, nesse chão, é também reconhecer o desencontro: um país que muitas vezes se afirma a partir de heranças europeias, que encobre suas origens, mesmo sendo majoritariamente “pardo”, ocidentalizado, e ainda assim posicionado como o outro diante do Norte global.

Tecendo localizações - criando patuá

O que é uma escrita decolonial? Por muito tempo, estranhei histórias escritas sem carne, sem presença. Havia nelas um vazio, como se algo tivesse sido mal compreendido por tempo demais. Esse incômodo me atravessou, e mesmo quando entrei na psicologia, ele permaneceu: quem eram aqueles homens brancos, europeus, falando de nós? E, afinal, quem é esse “nós”?

Aníbal Quijano nos convida a perceber que a colonização não ficou presa ao passado. Mesmo após o fim de sua administração formal, suas estruturas continuam organizando modos de viver, saber e existir. Para compreender essa permanência, o autor formula o conceito de colonialidade, entendida como um padrão de poder constituído a partir da colonização das Américas. Nesse processo, a invenção da raça torna-se central, produzindo hierarquias que classificam corpos, conhecimentos e modos de vida, ao mesmo tempo em que naturalizam privilégios e subalternizações. Articulada à modernidade e ao capitalismo, a colonialidade consolida um projeto de mundo eurocentrado que segue atravessando nossas relações e formas de produzir conhecimento (Quijano, 2005). Ainda que Quijano não utilize diretamente o termo decolonialidade, suas reflexões abrem caminhos para pensarmos as fissuras, resistências e possibilidades de ruptura com as lógicas coloniais que continuam habitando o presente.

Abro passagem a partir do que entendo como um lugar descolonial: trazer à luz as nuances dessa pele que vive, em Pindorama, tantos atravessamentos. Pindorama. O quintal do meu avô é maior que o mundo — porque aprendi que o mundo, sem

localização, se impõe como norte, como Norte Global. E então compreendo: o quintal do meu avô é maior do que esse mundo dito universal, eurocentrado. Sempre foi.

Ailton Krenak (2021) reflete sobre como os povos originários enfrentaram a colonização — um processo marcado pela tentativa de extermínio de seus mundos — e sobre as estratégias que possibilitaram sua travessia até o século XXI. Para ele, as inúmeras manobras dos ancestrais tornaram-se alimento para a continuidade da vida: a criatividade, a poesia e os modos próprios de existir sustentaram a resistência. Assim, mesmo diante das imposições colonizadoras que buscaram aniquilar suas coletividades, suas visões de mundo seguem ecoando no tempo, afirmando presença e permanência.

Nego Bispo (2015) nos lembra que os povos originários de língua tupi chamavam este território de Pindorama — “terra das palmeiras”. Com a chegada dos invasores, esse nome foi sendo substituído por outros — Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Brasil — ao mesmo tempo em que a imensa diversidade desses povos era reduzida a uma única palavra: “índio”. Essa simplificação não é neutra, ela opera como uma estratégia de apagamento. Ao mudar nomes e generalizar identidades, rompe-se o vínculo com histórias, cosmologias e modos de existência num processo que tende à desumanização. Aproxima esse gesto de uma técnica de domesticação: ao nomear de fora, impõe-se controle e se enfraquece a autonomia do outro. O mesmo movimento aparece quando as múltiplas identidades afrodescendentes são reduzidas ao termo “negros”, apagando diferenças culturais, étnicas e históricas. Em ambos os casos, a generalização atua como tentativa de diluir singularidades e aniquilar identidades, facilitando a imposição de uma lógica colonial sobre corpos e narrativas.

Ao pesquisar sobre o Diretório Pombalino de 1755 que se fundava a partir de casamentos interétnicos e administração militar (Oliveira; Mesquita, 2019) no interior das políticas de Marquês de Pombal, instaura-se também o incentivo à formação de casais europeus — ou de europeus com mulheres indígenas — nas vilas recém-criadas. Esse gesto não se dava ao acaso: inscrevia-se em um projeto assimilacionista que buscava reorganizar a vida nos territórios, entrelaçando corpos e destinos sob a lógica colonial, na tentativa de diluir diferenças e reinscrever existências em um mesmo molde.

De encontro com isso, o Grupo de Estudos Maentry Tupinambá-Amazônia (GEMTUPY) do qual sigo no Instagram, trouxe que visitar o diretório pombalino hoje é reconhecer que o apagamento foi também uma política de Estado. Não se tratou apenas de silenciar línguas, nomes e costumes, mas de fabricar categorias coloniais que

substituísem povos vivos. Nesse processo, a cabocla emerge como figura tolerada, porém despolitizada, moldada para caber nos contornos do projeto colonial. Assim, a promessa de extinguir a “odiosa distinção” entre indígenas e brancos não anunciava igualdade, mas assimilação. Uma assimilação operada por múltiplos dispositivos: a imposição de nomes, da língua, dos modos de habitar, da convivência com colonos e dos casamentos forçados. Assim, a mistura deixa de ser encontro e se revela como política — uma tecnologia colonial de apagamento e reconfiguração das existências.

Aqui, questiono justamente o apagamento do nome dos povos originários da minha história, o Da Costa, sobrenome que minha mãe carrega, justamente se é explicado por isso, a imposição de nomes, nesse caso um nome comum português, o da, como se fosse posse daquele povo, de modo interessante, minha mãe retirou esse da Costa do meu nome.

Essa escrita é uma tentativa de resgatar minha voz, de tecer reflexões entre minha trajetória e minha ancestralidade. Há nela a angústia de uma língua decepada — ou da tentativa de que fosse. Ainda não sei como desenterrar certos espelhos, nem como localizar, no território, as nuances que foram apagadas de minha mãe. Só sei que, no meu corpo-território, ecoa algo que nunca se perdeu.

Peço bênçãos, aos que me antecederam, meus avós, minha mãe, Gloria Anzaldúa, Cherrie Moraga, para que eu possa convidar para caminhar comigo, nesse processo que prefiro chamar de artesanias pindorâmicas -corpos -territórios em comunidades, para que esteja aqui.

Retomo nos meus labirintos, com uma frase que me ecoou por tempo de Gloria Anzaldúa... “Eu vou superar a tradição de silêncio.”.. pois que me permitam cantarolar com minha mãe e meus ancestrais, meus nós.

Afirmar nos entres

A verdadeira fronteira física, como em *Borderlands* de Gloria Anzaldúa, não estava apenas no território, estava na visão. Eu olhava para o lado e via, na cidade baixa, perto do rio, as populações ribeirinhas, indígenas não aldeados, a aldeia Umutina. Do terreno do meu avô, erguia-se também a cruz da igreja católica, marcando a cidade alta — a parte mais próxima do céu — onde moravam aqueles com mais dinheiro e, coincidentemente, pele branca. Coincidências que só mais tarde deixaram de parecer acaso.

Na tentativa de resgatar memórias largas, percebo: eu habitava esses dois lugares. Como tecer isso na constituição das minhas subjetividades? Como sustentar esse entre?

Quando ouvi pela primeira vez o conceito de angústia em Søren Kierkegaard, algo me atravessou. Talvez esse “entre” — esse não nomear, esse não ocupar plenamente as memórias — tocasse o que ele chamava de angústia. Hoje, tento compreender esse movimento como um caleidoscópio: afetos, esquinas, chão, nascentes que percorrem nossos corpos e corpos pindorâmicos. Há dor em reconhecer que alguns espelhos irão permanecer enterrados; outros, no entanto, ecoam — como a canção de minha mãe atravessando os poros.

Como em Tekoa Porã, bem viver, penso no que acontece à subjetividade quando os ritos e os elos ancestrais são interrompidos. Como resgatar esse fio? E, ao mesmo tempo, como reconhecer que resistimos — que algo permanece e chama?

Percorrer territórios onde caibam essas profundezas é também marcar passos nesse entre. É ali, talvez, que a memória ecoa, mesmo quando ainda não sabemos nomeá-la. Como Anzaldúa coloca: “*asi viven los atravesados*”.

Eu vou superar a tradição de silêncio: do caderno azul, brotavam palavras

Peço que antes de lerem comigo, afine os ouvidos das epidermes e do coração, quem sabe, ali, nas comunidades de um solo mosaico como o nosso, me fitar em meus tantos olhos, nesse QR Code, foi parte das caminhadas que me propus para essa partilha, com as fotos tiradas no quintal do meu avô, com algumas resgatadas do álbum de família, e a canção que resiste, andante, na voz da minha mãe.

Bem vindes aos meus rizomas!



Pensar em pássaros

Ando pensando em pássaros, eles voam entre minhas linhas, brincam em compassos? Engoli um poema de Manoel de Barros (1916-2014) e fiquei azul por um momento, sorri. Azul celeste, tem gosto de algodão doce. Meu estômago entoou uma canção. Será que quando criança eu me escondia verde água? Lembro daquele quadro, elas me olhavam... pego um giz, mas não faço um sol na calçada. Lembro de uma árvore, mas hoje sou pássaro e volto a sobrevoar o que chamo de memória, e é quase uma força estranha que movimenta minhas mãos. Falo isso porque nunca soube organizar as coisas. Queria que as palavras fossem pássaros livres. Lembro indignada, quando me faziam organizar as palavras e me perguntava o motivo. A gente dá nome nas coisas interessantes, mas meu nomear não é tentar possuir, é tentar libertar, trago essa vontade de libertar, talvez já carregava no gosto o nome imposto *da Costa* dos meus parentes, da minha mãe... lembro dos seus olhos, vô, se vou ser sincera, eu preciso me reconhecer. Que saudades, vô. Entendo que não quero mais ter bons pulmões para correr. Quero ter fôlego para não desistir de voar, de conviver.

Se olhar

As múltiplas camadas da minha pele, rodopiam meu peito e vejo escamas e pessoas. Raspo o peito em asfaltos úmidos, lembro da terra sob meus pés.

Antes achava que tudo poderia me machucar, adoecer, seria por isso que cresci sem anticorpos? Tenho várias pintas nessa epiderme, um dia pensei que se ligasse os pontos teria algum sinal, um dia juntei e só vi traços estapafúrdios, deve ser que o próprio mistério sou eu, somos nós. Meu mistério, meu caminho, minha ancestralidade... Meus espelhos ficaram sujos por tanto tempo, assumo meus traços.

Queria gritar até chegar na criança que tenho tentado alcançar. Como chegar, como alcançar? Volto para minhas camadas, penas, escamas, epiderme, areia, água e folha.

Faço um rezo para meus eus, minha memória é circular. Olho para minha avó, ela quase me toca; dou um sorriso e falo:- vô, sinto sua falta! Remexo e olho para o meu avô: -vô, eu já sei pular, pulo tão alto, quase que encontro o senhor por aí... Vô, desculpas fingir não ver que me pareço com o explorador, preciso reconhecer essa

branquitude em mim, eu também sou da roça e seu quintal, os nossos quintais foram maiores que o mundo.

Estou esperando a chuva, queria encontrar meus pares, meu estômago fala estômaquês. Não me importo muito com as palavras intrincadas umbilicais.

Minha língua faz cócegas. Por que não consigo lembrar das minhas mãos quando pequena? A memória larga é tão larga quanto o caminho do céu? Estou aqui. Quero e preciso da arte de entardecer.

Menina coruja

Havia uma lenda de uma criança coruja, que chamava os encantados mesmo sem saber falar. A criança coruja chamava os encantados e dividia em seu corpo encarnado, suas bússolas em formato de olhos com vidros. A menina tinha carne rosa, cabelos esvoaçantes e pulmões tímidos. Havia nessa lenda, uma timidez forçada, sabia que toda a noite seus pulmões piavam. Lançava um gemido de marcar a existência. A menina queria ter cabelo de folha e corpo de minhoca.

Sua lenda foi esquecida, já que não enxergava seus próprios espelhos, cresceu em plenos. Uma utopia de cor púrpura.

Teve que esquecer para tentar ser, ser para prostrar, prostrar para escutar, se escutar para reconhecer, reconhecer para se resgatar.

Não é fácil desenterrar esses espelhos. Será que foram produzidos no caleidoscópio dos buracos que não chegava vento? O vento veio, veio porque ela os invocou. Talvez sua lenda seja essa: Por tanto não ser, era.

A menina de cabeça de coruja, não podia pisar descalço, porque ficava doente, por ficar doente se tornou independente.

Independentemente, o véu que segue a carne que se divide com, já se passou. Lá fora, uma chuva rala.

Lembra, traz de volta para o coração, recorda.

A lenda da criança coruja, será que ela ainda se lembra? O que é caminhar até sua essência? O piso estava frio, mas suas asas a mantinha quente. Você a vê? dizem que ela te bica, caso você não se pergunte de qual modo é esse caminhar, você se vê?

Desenterrar meus próprios espelhos

Penso como as coisas aqui vão se formando em um redemoinho. Para aproximar da Psicologia decolonial, preciso desenterrar meus próprios espelhos, me fitar sem desviar o olhar. O que me faz encontrar além das possibilidades, vejo o rio de duas cores na frente dos meus olhos e aquele caminho perto do quintal maior que o mundo. O que é esse encontro que me localizo, entre famílias, histórias e ancestralidades?

Tenho que olhar nos vidros, nos vidros dos olhos, escrever inspirada em Glória Anzaldúa em mim mesmo. O que é dizer que sou Mato-grossense? fronteiriça?

Me coloco diante, aceno e sinto saudades da minha terra, dos abraços dos meus avós.

A temporalidade e o envelhecimento diante dos meus olhos, o futuro escancarado, o que ainda tenho para trilhar? Penso na canção perdida, no vento dançando ao redor do pé de cupuaçu, do pé de canela, se a memória pudesse ver meu coração encontraria cheiros, cores, canções, benzimentos, onças.

A gente só percebe depois de afastar e parar de suspender? A fé, o altar, o oratório. Percebo que tudo isso carrego comigo. Quero parecer sincera, mas sinto que carrego também uma roupagem, não nego também minhas outras raízes, mas compreender a racialidade da minha cartografia afetiva é tão importante! Reconhecer que estou pronta para sair desses labirintos tão intensos que eu mesmo construí com minhas mãos. Faço um rezo tímido e inspiro o eu profundo, piso com cuidado na terra, rabisco em meu corpo fragmentos éticos políticos de quem sou.

No meu território, suas esquinas são circulares, têm nascente, têm rio Bugres e Paraguai, têm boi e vaca, grama, árvore de tamarindo.

Já não insisto em ficar, assim desejo. Partindo, caminhando.

Olhos riacho

Segue os olhos dos rios doces, desfaço com um pingo de chuva barroso, a cor do outro lado. Quando escrevo pronuncio palavras que me seguem. Me calei tanto, boatos que fiz para mim mesmo. Meu egoísmo é não querer compartilhar as palavras. Eu as aprisionei como se tivesse medo delas. Penso, quais dos meus ancestrais também sentiram isso, há uma angústia por querer descobrir esses nós apagados, mas presentes.

Será que consigo seguir a trilha que se desfaz? Sento, oro e reflito, meu peito é um rio doce no entardecer. As colorações alaranjadas beijam suavemente as águas profundas.

De certo escrevo, porque as palavras me redemoinham.

Eu busco palácios em cima de árvores. Não quero ser Peter Pan ou algum nome do exterior, me curvo às árvores, sapos, lagos, Iara, Curupira.

Eu preciso escrever para caminhar e caminho mais perto. Sei que escrevo desconexo, mas é assim mesmo. Às vezes as palavras saem para passear, mas eu me sinto diferente. Não tenho a idade que estou, sou jovem e idosa, como nos meus dois lados do rio. Essas cores, meus calcanhares e o sol escaldante, que agora está cada vez mais longe, me faço presente, disperso.

Relembro dos meus ventres.

Quero paz. E minha paz tem cor, eu riacho.

NÓS

Das grades da escola via o rio, via as cores, via uma estátua, ali havia vários nomes combatentes de guerra. Guerra tão distante, tão próximo... Das paredes da escola eu procurava entender, como é crescer perto e longe, longe e perto, do outro lado do rio, a aldeia Umutina, eu do outro lado das grades, tentando entender o que me havia sido arrancado.

Nunca falei em voz alta da minha família interracial, do branqueamento da minha pele. Quando algumas palavras não são ditas, às vezes vão para baús e são enterradas junto com nossos espelhos.

Difícil querer lembrar sem poder, sem se lembrar e se fazer esquecer. Tenho dificuldade de lembrar o nome dos meus bisavós maternos, hoje entendo o porquê do outro lado da família carregar uma memória com informações, datas. Havia uma dor no tom da palavra, ao mesmo tempo, algo sagrado com esses nomes, eles vinham aos poucos, apresento ela, minha bisavó, pergunto para minha mãe novamente seu nome, ela fecha os olhos, e tenta abrir seus próprios baús, Felismina! Algumas presenças são assim, ela está em uma das fotos, agora eu também compartilhei com vocês esse olhar, esse nós, ecos. Falamos em códigos, por cheiros, olhos puxados de água doce.

Mãe, ainda não pude achar a fonte dessa canção, mas o som que pisamos na terra, ecoa, resistimos!

Nós-rizomas-travessias!

Quero fazer as pazes com as palavras, meu avô sempre deu valor a elas, as vezes as palavras eu as escutava no canto dos olhinhos de meu avô ou no sorriso tímido de minha avó, talvez uso dessa minha carne branca, demarcando ou ocupando o entre. Mãe não posso falar pela senhora, mas me permite ecoar sua canção? quem sabe, nas curvas do rio Bugres e Paraguai, possamos nos sentir pertencentes, o que pertencemos?

Ocupo esse lugar privilegiado também de psicóloga, o que carrego?

Como propor linguagens dançantes, acaloradas, silenciosas, nesse lugar que carrega colonialidades? Sei que meus objetivos, ou desejos são mais próximos das cores da bandeira Wiphala do que com os binarismos propostos perante as colonialidades de saber, ser que infelizmente me deparei dentro da universidade ao estudar psicologia. Deve ser por isso que estou aqui, falando do micro, macro, vísceras. Sinto um desejo se formando, penso que adoraria continuar com a tentativa de palavras e pensamentos que rompem. Sinto que encontro meus parentes em vocês, e o que tento aqui, e falo isso deixando o rio doce seguir, com consciência-esperançar, o que tento aqui é a abertura do poder propor, ecoar, caminhar. Logo, não peço mais, eu me permito confiar que existem outros caminhos, que desejo compor com o *Feminismo Comunitário*, que desejo aprender com as companheiras indígenas, com Julieta Paredes que desejo sustentar o olhar sem abaixar a cabeça para Abya Yala e nosso Pindorama, que desejo sustentar o olhar para minha mãe e dizer que estou aqui e que somos sim, a continuidade de nosso povo, meu vô caminha entre as onças, não quero mais esquecer!

Sinto que não há como domar uma língua selvagem, apesar das inúmeras tentativas, algo escapa, mas não em uma fuga amedrontada, escapa no sentido de potência de criação. Ao reconhecer os genocídios, as violências e ainda sim, as inúmeras formas de enfrentamentos, continuo entendendo que o futuro vai ser indígena ou não haverá futuro, para tanto, esse resgate dos nossos baús, espelhos, flechas, dentes afiados, memórias é essencial.

O bem-viver, Tekoa Porã, esperar, sinto como um mosaico de intensidades e gradientes diversos e necessários, entretanto, olhar para esses processos, não é simples, ele é complexo e exige corpos-territórios-coletivos, que os aldeamentos, aquilombamentos tragam entendimento de que é possível, e vem sendo.

Há algo que perpassa, você também sente?

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. *In*: H. B. Holanda (Org.), **Pensamento feminista - conceitos fundamentais** (pp. 323-339). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édna de Marco. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, v.8, n. 1, p.229-36, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**: antologia. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

GEMTUPY, “Cabocla”, **sim; indígena, não?** Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/gemtupy?igsh=ZWxvbjNkd3I2ZXEz> Acesso em: 2 de maio. 2026.

GONÇALVES, Bruno Simões. **Nos caminhos da dupla consciência**: América Latina, psicologia e descolonização. [S.l.]: Ed. do Autor, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORAGA, Cherrie. “La güera”. **Debate feminista**, ano 12 – vol. 24, out. 2001.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana; MESQUITA, Ilka Miglio de. O projeto assimilacionista português: o diretório pombalino sob um olhar decolonial. **Roteiro**, Joaçaba, v. 44, n. 1, e15119, 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592019000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 abr. 2026. <https://doi.org/10.18593/r.v44i1.15119>.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitario**. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-138.

RÁDIO YANDÊ. **Rádio Yandê**: Etnomídia Indígena. Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: <<https://radioyande.com/>>. Acesso em: 17 abr. 2026.

WERÁ, Kaká. **Tekoá**: uma arte milenar indígena para o bem-viver. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.

